

O Fim do Roubo da História: uma análise das Epistemologias do Sul para des-pensar a historiografia latinoamericana.

The End of the Robbery of History: an analysis of the Epistemologies of the South to un-think Latin American historiography

Julia Chacur¹

Antes de adentrar o conteúdo específico deste trabalho, acredito ser importante enfatizar que este texto, assim como confio ser a pesquisa incansável de Boaventura de Sousa Santos e de outros pensadores decoloniais, é uma opção pela esperança. Uma proposta que aponta os problemas profundos que a América Latina², assim como as outras periferias globais, enfrenta, mas que se propõe a ir além e pensar em alternativas.

O presente texto pretende analisar os conceitos-chave do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, como *transição paradigmática*, *linhas abissais*, *ecologia dos saberes* e *interculturalidade*, para defender uma análise crítica da historiografia latino americana. Nas Epistemologias do Sul, sua proposta epistemológica e metodológica, orienta-se seguir um caminho: aprender que existe o Sul, aprender a ir para o Sul, aprender a partir do Sul e com o Sul (SANTOS apud MENESES, 2013). Foram analisados entrevistas, vídeos, artigos e livros do sociólogo, articulando seus conceitos teóricos, com sua trajetória de vida, atuação política e lugar de fala, com a intenção de aprofundar este estudo.

A noção de roubo da história, presente no título deste trabalho, faz referência ao livro de Jack Goody intitulado *O Roubo da História* (2006). Sua tese principal é a noção de que uma pequena parte do mundo, notadamente a Europa Ocidental, foi capaz de impor ao resto do mundo uma concepção de passado e futuro, de tempo e de espaço e, com isso, se apropriar da noção de história, silenciando todas as outras concepções existentes. No artigo *Um Ocidente Não-Ocidentalista: filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal* (2013b), Santos parte desta reflexão de Goody, para refletir sobre os roubos da história, que não apenas ocorreram da Europa para o mundo, mas também sucederam dentro do próprio ocidente. Segundo Goody, uma verdadeira “história global” só será possível quando superado tanto o orientalismo como o ocidentalismo³, para que o mundo se reconheça na sua infinidade de pluralidades (GOODY, 2008 apud SANTOS, 2013b). Santos defende as tradições marginalizadas dentro do próprio ocidente, que foram

¹ Graduada em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² O próprio conceito de América Latina é criticado pelos intelectuais decoloniais. O argumento é que a construção da ideia de América e, posteriormente, América Latina é eurocêntrica e reproduz um desejo dos colonizadores e da elite local crioula em se diferenciar dos que habitavam o continente. Entretanto, o termo será utilizado ao longo da monografia por falta de alternativa e pela sua ampla aceitação no senso comum. Para mais sobre esta crítica ver MIGNOLO, 2005.

³ Ao falar de um ocidentalismo, refere-se à imagem dupla do orientalismo, isto é, a imagem que o ocidente tem de si próprio quando cria o “outro” no orientalismo.

apagadas por não se adequarem aos objetivos imperialistas que, segundo ele, vieram a dominar a partir da fusão entre a modernidade ocidental e o capitalismo (SANTOS, 2013b).

Dessa forma, percebe-se que uma das batalhas mais significativas do século XXI vem sendo travada em torno do conhecimento (MENEZES, 2008). Para analisar o cenário em que esta discussão se insere é preciso compreender as raízes profundas nas quais se assentam o que valida o saber.

São muitos os indícios de que passamos por tempos de mudanças, marcado pela incerteza política, social e ontológica. As estruturas que asseguram o paradigma da modernidade, que desde pelo menos o século XVI vigoram na ordem mundial, estão sendo questionadas (SANTOS, 2011). Como diz Boaventura de Sousa Santos (2011), enquanto não confrontarmos os problemas, incertezas e perplexidades, estaremos fadados à uma concepção colonizada dos saberes. A urgência desta análise provém da observação de que o conhecimento, como o temos concebido na modernidade ocidental, não dá mais conta, exclusivamente, de explicar os fenômenos sociais.

A crise epistemológica foi evidenciada também por diversos autores contemporâneos à Boaventura, das mais variadas correntes ideológicas, do Interstício de Bauman à Crise da Percepção de Capra⁴. A crítica ao modelo de racionalidade moderna é o centro dessas análises, por diferentes meios e com propostas de solução distintas, o que une esses autores diversos é a conclusão de que a ciência, enquanto paradigma dominante, é fracassada (LEITE, 2011). Este colapso é representado pelas catástrofes ambientais, o crescimento das desigualdades no mundo, ascendência de governos fascistas, valorização de discursos revisionistas da história, silenciamentos que perduram por séculos e pelos abismos. Linhas abissais dividem o mundo entre Norte e Sul. Não os geográficos separados pela linha do Equador, mas, sim, os epistemológicos, sustentados pela oposição da existência/inexistência: “para além da linha há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética” (SANTOS, 2007, p.71).

As Epistemologias do Sul são um conjunto de epistemologias com a proposta de construir um “pensamento alternativo de alternativas” (SANTOS, 2012) para essa realidade abismal. Afinal, é também num momento de oscilação que se faz possível emergir uma nova maneira de pensar. Não basta, portanto, a criação de um novo paradigma que supere os problemas da modernidade, é preciso de um paradigma outro. Falar de uma nova epistemologia seria inseri-la de forma linear no processo de substituição de paradigmas e integrá-lo a história do pensamento moderno. Entretanto, a proposta é de um paradigma outro, na contramão das grandes teorias modernistas, como o marxismo, o liberalismo e o cristianismo, localizando seus questionamentos no próprio espaço-tempo: às margens (ESCOBAR, 2003). A construção de um paradigma outro, com histórias outras e intelectuais outros. Por isso, existe um esforço em resgatar discursos de pensadores desde as sociedades indígenas.

⁴ Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês, denominou o período que vivemos de Interstício, entre o que deixou de ser e o que ainda não é. Um momento em que os alicerces da modernidade já dá sinais continuados de fadiga. O que significa, para ele, o fim das utopias (BAUMAN, 2015). O autor está mais preocupado em demonstrar as características desse momento de crise do que propor soluções. Frijot Capra é um físico e ambientalista austríaco que se dedica ao estudo da nova ciência. Segundo este autor a crise econômica, social e ecológica fazem parte de uma só crise: uma crise de percepção (CAPRA, 2006).

Esta proposta epistemológica ganhou corpo através do pensamento do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (1940-). O intelectual se insere dentro da perspectiva dos estudos da colonialidade, que colocam no centro de sua análise a relação entre colonizador e colonizado e enunciam o lugar geopolítico da América Latina como o local submetido à criação de uma nova ordem de poder mundial, colonial e capitalista.

O conceito de colonialidade do poder foi primeiro cunhado por Anibal Quijano em 1989 para denominar as marcas do colonialismo, que mesmo após o fim do sistema colonial, permanecem enraizadas na sociedade. A colonização acabou, o colonialismo não. Por um lado, a colonialidade do poder denuncia a continuidade de uma estrutura de poder colonial. Por outro, esclarece que a narrativa hegemônica da história é única e não universal e por isso revela que na construção da modernidade, processos e narrativas foram apagadas e silenciadas. Sendo assim, não existe uma “modernidade essencial e universal” (BAO; LIMA, 2017, p. 29), a própria modernidade é um fenômeno localizado no espaço e tempo.

É o caso do alicerçamento da ciência moderna. Foram excluídos da história oficial, os conflitos e os erros. Mas, na realidade, o processo de transformação da ciência em única forma de conhecimento válido foi longo e controverso. Contribuiu para seu desenlace não só argumentos epistemológicos, mas econômicos e políticos. No século XVII, a crescente ascendência do capitalismo influenciou diretamente a escolha de uma forma de conhecimento que se traduziria facilmente em progresso tecnológico. Outros argumentos em favor da busca do bem e da felicidade, da continuidade entre homem e natureza tiveram que ser derrotados (SANTOS; MENESES; NUNES, 2004).

São dois os grandes problemas em relação ao silenciamento do debate dos séculos XVI e XVII em torno da ciência. Primeiro, resultou numa percepção a-histórica da ciência, que se remete simplesmente aos seus sucessos, levando a acreditar que epistemologicamente, seus erros não foram parte fundamental de sua consolidação. Percepção esta que têm relação direta com a crença da sociedade de que a solução para os problemas causados pela própria ciência, é mais ciência (SANTOS, 2011). Segundo, teve como consequência o epistemicídio perpetuado à todas as formas outras de conhecimento. Neste processo de afirmação, a ciência moderna passou a definir os critérios de cientificidade, e mais, os de validade para todo o conhecimento (SANTOS; MENESES; NUNES, 2004).

A necessidade de se recuperar as outras histórias da ciência é:

indispensável para que esta deixe de ser a história da emergência e expansão da ciência ocidental moderna e passe a abrir novos caminhos para histórias globais e multiculturais do conhecimento, superando assim o que tem sido designado por colonialidade do saber (SANTOS, MENESES, NUNES, 2004, p.5)

Assim como Goody e Santos, Chimamanda Adichie (2009), escritora feminista nigeriana, nos alerta para o perigo do que ela denomina de história única. Segundo ela: “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem

uma história tornar-se a única história”. O problema da história, tida como global e hegemônica, é que ela é uma história única. Completa: “a consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade, dificultando o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada, enfatizando como nós somos diferentes, ao invés de como somos semelhantes” (ADICHIE, 2009).

O perigo da história única se estende para todas as culturas. Entretanto, ainda que o silenciamento interno à própria Europa tenha sido violento, foi-o muito mais em outras regiões do mundo submetidas à colonização européia (SANTOS; MENESES; NUNES, 2004). O roubo da história nos países do Terceiro Mundo significou o apagamento de narrativas outras, de personagens outros, de relações outras com a passagem do tempo, de compreensões outras sobre a relação homem e natureza, de entendimentos outros sobre nós mesmos. Ao colocar a história dentro dos moldes da ciência moderna, perdeu-se o valor das outras formas de transmissão de conhecimento histórico, como a oralidade e a ancestralidade. O roubo foi a apropriação completa do conceito de história, invalidando e apagando todas as pluralidades de formas de compreensão do espaço e do tempo, que não o eurocêntrico.

Sendo assim, a pós-colonialidade propõe a revisão crítica dos conceitos hegemônicos a partir da subalternidade. Segundo Meneses (2013), isto pressupõe três principais exigências: a histórica, na necessidade de repensar todos os passados sob uma diferente ótica, a ontológica, na renegociação do ser e de seus sentidos, e a epistemológica, que contesta a compreensão exclusiva e imperial do conhecimento. É possível afirmar que essas exigências são intrínsecas umas às outras e que devem ser perseguidas com igual peso.

O objetivo do sociólogo em resgatar essas histórias outras é de “intervir no presente como se ele tivesse outros passados para além daquele que fez dele o que ele é hoje. Se podia ter sido diferente, poderá ser diferente” (SANTOS, 2013b, p.448). A História, nesse contexto, ao mesmo tempo que é transformada, é também agente da transformação. Como exprimiu Eduardo Galeano, em uma célebre frase advinda de um provérbio africano: “Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçadas continuarão glorificando o caçador” (GALEANO, 2002).

Dessa forma, aprender a partir do Sul e com o Sul é necessário na historiografia, nas salas de aula universitárias e escolares e no senso comum. O fim do roubo da história é o fim do monopólio de uma história única sobre desigualdades, desequilíbrios, silenciamentos e opressão.

Referências:

ADICHIE, C. **O perigo de uma única história.** 2009. (19’16”). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso 06/01/2020 às 17:54.

BAO, C. E.; LIMA, N. **Lógica Histórica e Interculturalidade:** um diálogo possível. Revista Tempo da Ciência, Toledo, v. 24, n. 47, p. 26-44, 2017.

BAUMAN, Z. **Babel:** Entre a incerteza e a esperança. Zahar: Rio de Janeiro, 2005.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. 10ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2006.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. **Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico**. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (orgs.), *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. Bogotá, 2007.

CHACUR, J. **O Fim do Roubo da História: uma análise das Epistemologias do Sul para des-pensar a historiografia latinoamericana**. Orientador: Fernando Luiz Vale Castro. Monografia (Bacharel em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2019.

ESCOBAR, A. **Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación modernidad/colonialidad latino-americano**. Tabula Rasa, n.1, p. 58-86, 2003. Disponível em <http://www.revistatabularasa.org/numero-1/escobar.pdf>. Acesso em 05/07/2019 às 11:12

GOODY, J. **O Roubo da História: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

LEITE, T. S. C. **Paradigmas e transformações epistemológicas: a crise da ciência moderna em Thomas Kuhn e Boaventura De Sousa Santos**. Revista Prometeus, Universidade Federal De Sergipe, n.7, p. 131-152, 2011. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/770/661>. Acesso 27/11/2019 às 15:10.

MIGNOLO, Walter D. **La Idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Gedisa: Barcelona, 2005. Tradução do original em inglês: Silvia Jawerbaum e Julieta Barba.

MENESES, M. P. **Introdução**. In: SANTOS, B. de S; MENEZES, M. P. (orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2013.

MENESES, J. R.; MENESES, M. A. R. **Sotaque lusitano, cidadão do mundo**. Serviço Social e Sociedade, v. 89, p. 177-187, 2007.

QUIJANO, A. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber. Eurocentrismo e Ciências Sociais*. São Paulo: CLACSO, 2005.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Autêntica, Belo Horizonte. 2019.

SANTOS, B. S. **Socialismo, democracia e epistemologias do Sul**. Entrevista concedida a Bruno Sena Martins. Revista Crítica de Ciência Sociais, 2018a. p. 9-54. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/7647>. Acesso 04/12/2019 às 11:26.

SANTOS, B. S. **O intelectual de retaguarda**. Leituras Brasileiras. 2018b. (22'13"). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dlZbLjCz_mU. Acesso 04/12/2019 às 10:26

SANTOS, B. S. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. de S; MENEZES, M. P. (orgs). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2013a.

SANTOS, B. S.; **Um Ocidente não-Ocidentalista?** A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. In: SANTOS, B. de S; MENEZES, M. P. (orgs). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2013b.

SANTOS, B. S. **Para um novo senso comum**: a ciência o direito e a política na transição paradigmática. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, B. S; MENESES, M. P. G; NUNES, J. A. Introdução: Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. IN: SANTOS, B. S. (org.). **Semear outras soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SANTOS, B. S. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 63, 2002, p. 237-280.

SANTOS, B. S. **Entrevista com Boaventura de Sousa Santos** [Entrevista concedida a] José Maria Cançado, Juarez Guimarães, Leonardo Avritzer e Patrus Ananias. Teoria e Debate, edição 48, 2001a. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2001/06/01/boaventura-de-sousa-santos/>. Acesso em 07/06/2019 às 10:58.

SANTOS, B. S. **Seis Razões para Pensar**. In: Por que pensar? Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 54, São Paulo, 2001b. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Porque%20pensar_Lua%20Nova_2001.pdf. Acesso em 05/07/2019 às 12:59.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna**. Estudos avançados, vol 2, nº2, São Paulo, 1988. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007. Acesso em 08/01/2020 às 14:12.

Recebido em 06/05/20 aceito para publicação em 30/12/21.